



CARNEIRO, Ana Maria Pacheco. **Imagens e criação cênica: demonstração de um percurso.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. UFU; professor adjunto. Atriz e diretora.

## RESUMO

Pretende-se, com esta proposta, realizar a demonstração de trabalho desenvolvido em TCC, em que foram utilizadas imagens literárias e fotográficas como ponto de partida para a criação de uma cena. Este trabalho se encontra intimamente relacionado com a pesquisa sobre a utilização de imagens no ensino do teatro que se constitui como foco de meu projeto docente na UFU. Como frutos gerados por esse processo se contabiliza a criação de um Banco de Imagens (BTIS), cujo conteúdo pretende fomentar e alimentar reflexões e ações relacionadas à aquisição de conhecimento específico sobre teatro, além de orientações de bolsistas PIBIC e TCCs cujas pesquisas envolvem a utilização da imagem em suas investigações. Expandem-se assim, a partir desses diferentes trabalhos, o âmbito da pesquisa central, que adquire contornos não imaginados em seu início.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação: ator: imagem: criação: ensino-pesquisa

## ABSTRACT

The aim of this proposal is to show a working demo developed in TCC, in which literary and photographic images have been used as a starting point for creating a scene. This work is closely related to the research on the use of images in the teaching of theatre, focus of my project lecturer at UFU. As results generated by this process accounts for the creation of a database of images (BTIS), which aims to foster and nurture reflections and actions related to the acquisition of specific knowledge about theater, and the offer of guidelines to students whose research involve the use of the image in their investigations. Such works expand the scope of the central search, which acquires contours not imagined when it was initially proposed.

**KEY-WORDS:** training: actor: image: creation: education-search

Minhas pesquisas sobre a utilização de imagens no ensino de teatro tiveram início em 2003, pouco após ter iniciado meus trabalhos como professora na UFU. Como foco mais amplo das investigações, estava o entendimento das imagens como *documentos textuais*. Constituinte de meu doutorado e cerne de meu projeto docente, essas investigações geraram alguns frutos, dentre os quais a criação de um Banco de Imagens (BTIS) e orientações de bolsistas PIBIC e TCCs cujas pesquisas envolvem a utilização da imagem em suas investigações. Expandem-se assim, a partir desses diferentes trabalhos, o âmbito da pesquisa central, que adquire contornos não imaginados em seu início.

Neste relato, pretendo apresentar o processo de trabalho desenvolvido no TCC *A des-construção do des-afeto*: o uso de imagens no processo criativo do ator, da aluna Ana Célia Gomes (2012)<sup>i</sup>. Ao longo desta exposição, serão pontuadas

algumas questões relacionadas à apropriação de conhecimento sobre imagens e às relações orientador-orientando, utilizando minhas observações pessoais e trechos do TCC.

Meu trabalho com a imagem no interior do curso de teatro se faz principalmente relacionado ao trabalho do ator e procura levar os alunos a observar “como ela estimula a imaginação e a criatividade, a relação de aceitação ou rejeição do observador para com a imagem, a capacidade de comunicação e transmissão da imagem, bem como a possibilidade de criação através delas.” (GOMES, 2012:14.) Entre as inúmeras atividades que desenvolvo, encontra-se a criação de cenas a partir de imagens fotográficas e pinturas. Foi em uma das disciplinas em que trabalhei com este foco<sup>ii</sup> que a aluna Ana Célia Gomes “perceb[eu] como a imagem pode servir para despertar a criatividade, a inspiração para o jogo e para a cena” e se interessou por

pesquisar como o ator pode se utilizar de imagens para a construção de personagens, partituras de movimento e ação e também na criação de cenas. (...) perceber quais mecanismos são acionados e utilizados ao se observar uma imagem para a criação teatral, pesquisar de que maneira o processamento de imagens pelo ator aponta para um processo criativo do qual resulta a construção de personagens, cenas e até mesmo espetáculos. (Ibid:12)

Como tema para a cena a ser construída, foi selecionado, pela aluna, o conto *Caixinha de Música*, de Caio Fernando Abreu, que relata os acontecimentos finais da vida de um casal em crise. De acordo com sua definição, “A cena mostra imagens dos acontecimentos do ponto de vista da mulher... Des-construindo o texto e as sensações de des-afeto de uma vida a dois.”<sup>iii</sup> Imagens literárias e fotográficas foram utilizadas como ponto de partida para a criação da cena.

Estabelecido o foco de investigação, o campo de ação da parceria orientadora-orientanda também se definiu: meu trabalho seria de apoio, indicação/sugestão de caminhos para o trabalho que ela desenvolveria de forma mais livre, seguindo os trâmites necessários para a estruturação de seu processo criativo. Assim, praticamente todos os passos foram decididos por ela, do estabelecimento dos horários à busca pelas imagens a serem trabalhadas e à concepção da cena.

É interessante notar, pela leitura do TCC, os meandros percorridos pela aluna: os autores<sup>iv</sup> que mais a tocaram, os conhecimentos que adquiriu, as formas como elaborou seu caminho ao longo da pesquisa. Assim é que vemos como o texto de Aninha Duarte (s/d: 3), lhe ofereceu informações relacionadas a signos, conceitos e significados que permitem a leitura, análise e tradução do que a imagem produz naquele que a observa. Mais ainda, permitiu compreender que, a partir das imagens, “é possível identificar várias possibilidades que servirão para a construção de cenas, como ação, movimento, sons, palavras, cheiros, gostos, clima, etc” (Ibid, 2012:15)

Mas talvez tenha sido a leitura de Manguel (2001) aquela que mais a provocou; foi onde encontrou o pensamento de Piles (1676)<sup>v</sup>: “A pintura deve desafiar o espectador (...) e o espectador, surpreendido, deve ir ao encontro dela como se entrasse em uma conversa.” (apud MANGUEL, 2001: 9) — uma conversa

que se faz pelo imaginário, espaço que abriga as representações de nossa imaginação; “não a representação apenas no sentido da reprodução da imagem vista, mas no sentido de reformular, recriar, analisar poeticamente a imagem transformando em sensações e sentimentos a serem externados”. (GOMES, 2011:17)

A entrada no campo do imaginário e da imaginação a auxiliou a compreender o papel destes na criação e a perceber as imagens como possíveis elementos provocadores para os processos criativos. Estes “(...) podem partir das percepções e impressões obtidas ao se observar uma imagem e são essas percepções que se tornam alimento para a imaginação ou segundo Carneiro (2009), ‘pensamento imaginativo’. Essas percepções, ‘(...) possibilitam, assim, que a imagem opere no modo de organizar a experiência, o conhecimento’.” (Ibid:19)

O processo de pesquisa visou, portanto, responder a questões relacionadas à forma como as imagens atuam sobre a criação, à relação que se estabelece entre elas e a cena construída, a como transformar em ação as sensações e sentimentos que elas provocam. Para alcançar essas respostas, a aluna desenvolveu uma metodologia de trabalho que abarcava

(...) a realização de sessões com experimentações práticas em sala de trabalho, onde eram feitas observações das imagens gráficas, percepção das sensações e sentimentos surgidos, e criação cênica. A maioria das sessões foram filmadas, e essas gravações serviram para organizar, criar um roteiro e a ordem das ações na execução da cena. Após as sessões eram realizadas anotações do trabalho sobre o processo de criação da cena<sup>vi</sup>. (Ibid, 2012:12)

Vivenciar esse período de gestação da cena foi uma experiência árdua e, em alguns momentos, bastante estressante para a aluna — e fator de grande ansiedade e admiração de sua força de vontade, de minha parte. Afinal, era algo muito novo para ambas. De sua parte, a tarefa era nada fácil, provocando sensações de solidão e questões sobre o fazer criativo, tateando soluções para os problemas que encontrava:

Estar em uma sala de trabalho que se torna imensa por se estar sozinha, causa impacto e até certo medo... O que vou fazer agora? Que tipo de exercícios posso fazer com essas imagens? Como ver e avaliar o que estou fazendo? Precisei começar... testando, não gostando e me perguntando o que é que eu estava fazendo...

(...) em um trabalho solo, é preciso pensar, organizar e realizar todas as tarefas sozinho e também encontrar recursos e maneiras para se observar em cena. Por esse motivo, levei minha câmera fotográfica de casa para a sala de trabalho e comecei a filmar o que eu fazia, foi a maneira que encontrei de ver e avaliar cada experimentação e cada parte da cena que era criada. (Ibid, 2012:20)

De meu lado, só podia ampará-la com um mínimo de ações no sentido de fortalecer suas decisões, com pequenas sugestões sobre os exercícios, apontar caminhos e possibilidades de solução para os problemas técnicos, propor novas questões, sempre evitando intervir em demasia no seu processo criativo.

Este foi gradualmente tomando corpo: das leituras e releituras do conto surgiram as primeiras imagens mentais, cujas “histórias explícita ou secretamente entrelaçadas” (MANGUEL, 2001: 11) permitiram a busca pelas imagens gráficas que comporiam o trabalho. Cada uma delas foi analisada, de

modo a esclarecer seu pertencimento à cena. Nos laboratórios de criação, as imagens auxiliavam na estruturação da cena, a partir dos conhecimentos e possibilidades da aluna:

A primeira experimentação começou a partir de um exercício que eu fazia com os alunos do COMUFU: encontrar um movimento, uma ação, um som, uma palavra e uma frase a partir da imagem. Utilizei a imagem 'tensão casal' e os movimentos surgidos foram: correr e uma tentativa de me libertar de algo ou alguém; as ações: chorar, correr (...); os sons eram vários como respiração ofegante, grito, etc; a palavra: 'sufoquei'; e a frase era 'Você está me dizendo que esse tempo todo eu te sufoquei?'. Os sons, palavra e frase também se fundiram e eu passava a dizer tudo junto. Então, deitada no chão, comecei a dizer o que eu me lembrava do texto. (GOMES, 2012:44)

Depois, a criação de uma rotina: a cada dia, a repetição da sequência já trabalhada e novas experimentações; a percepção de que “observar, imaginar e trazer as sensações para a mente e o corpo era a maneira de criar através das imagens que mais contribuía para a minha cena. Eu estava descobrindo a minha forma de criar através das imagens, estava criando uma metodologia de trabalho.” (Ibid, 2012:47)

Como parte de minhas ações, orientei-a sobre alguns procedimentos técnicos: a necessidade de filmar os laboratórios, de modo a poder depois selecionar movimentos, ações e estabelecer a sequência das cenas, utilizando um programa de computador; e de fazer as anotações de trabalho, que depois permitiram a análise de todo o processo e contribuíram para a estruturação do TCC.

A percepção sobre a real necessidade de um olhar de fora, introduziu no processo uma outra aluna, Nádia Yoshi, que passou a dar um suporte na preparação corporal e um olhar “de diretora” sobre a cena.

As leituras do texto e das imagens apontou o material cênico: em uma de nossas conversas surgiu um esboço da cena, um aquário e uma 'cama' com tecido cobrindo<sup>vii</sup>. Depois, “[a] imagem da árvore 'primavera' com suas pequenas flores, sugeriu uma delicadeza que faltava na cena. Começo a pensar em ter fuxicos espalhados pelo chão (...)” (Ibid, 2012:56); um telão para projeção das imagens; o figurino — uma camisola; nos fuxicos, as cores roxa e amarela das flores; e a iluminação, com um foco no aquário e um recorte de luz na 'cama': uma moldura de vidro colocada no chão, que “deu a plasticidade necessária à cena, além de unidade com o aquário de vidro e conseqüentemente com toda a cena.” (Ibid, 2012:57)

Em suas conclusões, Ana Célia afirma ter conseguido responder a algumas questões que a levaram à pesquisa “quanto às sensações, impressões e significados que imagem pode dar à cena e quanto à relação da imagem pesquisada com a cena construída.” (Ibid: 2012,62) Mas outras compreensões importantes também se fizeram, relacionadas a seu próprio trabalho:

Orientando o trabalho com outras pessoas, como o projeto que eu fazia no COMUFU, os jogos (...) funcionavam muito bem e traziam bons elementos para as cenas, mas percebi que comigo, orientando meu próprio trabalho é melhor levar para o lado da imaginação. (Ibid, 2012:47)

Na apresentação do trabalho, algumas considerações destacaram pontos importantes presentes em sua estrutura: os rastros da formação presentes, a não omissão da presença do orientador no processo, a abertura em relação a dúvidas e percepções ao longo da pesquisa. Considerações que ofereceram a Ana Célia a certeza de ter cumprido com excelência seu processo, e que fortaleceram meus próprios caminhos em relação à orientação.

### **Referências**

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Contos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CARNEIRO, Ana Maria Pacheco Carneiro. **Imagem — corpo, espaço, movimento**: investigação sobre a contribuição de fotografias para o desenvolvimento de conhecimentos no ensino do Teatro. Capítulo para Banca de Qualificação. Pós-Graduação em Artes Cênicas/Teatro da UFBA; orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Reis, Salvador, 2009.

DUARTE, Aninha. **Introdução à Crítica de Arte** (Análise de Imagem). s/d. Disponível em [www.nupea.fafcs.ufu.br/](http://www.nupea.fafcs.ufu.br/) acesso em: 10/03/2008.

GOMES, Ana Célia. **A des-construção do espetáculo: o uso de imagens no processo criativo do ator**. TCC de Bacharelado e Licenciatura. Curso de Teatro/IARTE/UFU, 2012. Uberlândia-MG, 2012.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## Ver Referências

- <sup>ii</sup> Tópicos Especiais em pedagogia do ator: a utilização de imagens fotográficas no processo de formação do ator; optativa, carga horária de 60 h/a - prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Ana Carneiro - 2009.1. Também trabalho com imagens nas disciplinas Interpretação III (prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Ana Carneiro) e Interpretação IV (prof dr Fernando Aleixo); experiências que a levaram a frequentar a disciplina Tópicos Especiais (2009), e a realizar um trabalho com imagens em um estágio da Licenciatura (COMUFU-Comunidade e UFU em cena – 2009.1).
- <sup>iii</sup> Folheto do evento Conexão Teatral (dez. 2010), Curso de Teatro/IARTE/UFU, Uberlândia/MG
- <sup>iv</sup> Nas disciplinas, sempre apresento material teórico relativo à leitura de imagens, imaginário, percepção e sobre as possibilidades de trabalho com as imagens no ensino e na pesquisa em teatro.
- <sup>v</sup> Roger de Piles, **Cours de peinture par principes**, 1676; citado na epígrafe da obra de Manguel (2001).
- <sup>vi</sup> Todo o material aqui referido foi incorporado no trabalho final do TCC, como ANEXOS.
- <sup>vii</sup> A princípio, foram usados uma caixa de papelão e um lençol. Depois, a cena foi composta pelo aquário e uma imensa moldura de vidro, no interior da qual ficava o lençol, e que representava a cama.